



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

DIJAILTON DE LIMA ANANIAS

**LINGUAGENS E GLOBALIZAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO
MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE DO SERIDÓ - PB**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

DIJAILTON DE LIMA ANANIAS

**LINGUAGENS E GLOBALIZAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO
MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE DO SERIDÓ - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia. Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria Raquel Porto de Lima.

CAMPINA GRANDE - PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A532I Ananias, Dijailton de Lima.
Linguagens e globalização [manuscrito] : experiência de estágio supervisionado em geografia no município de São Vicente do Seridó - PB / Dijailton de Lima Ananias. - 2018.
43 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Valéria Raquel Porto de Lima, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."
1. Estágio supervisionado. 2. Ensino de geografia. 3. Linguagem. 4. Globalização. I. Título
21. ed. CDD 371.225

DIJAILTON DE LIMA ANANIAS

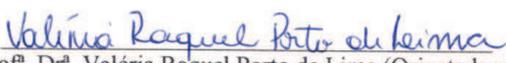
**LINGUAGENS E GLOBALIZAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO
MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE DO SERIDÓ - PB**

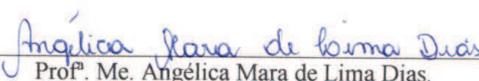
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

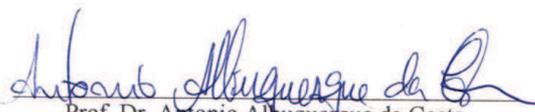
Área de concentração: Ensino de Geografia.

Aprovado em: 20/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Valéria Raquel Porto de Lima (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. Me. Angélica Mara de Lima Dias.
PPGG/Universidade Federal da Paraíba (UFPB)


Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, que sempre me fortaleceu e guiou meus passos diuturnamente, a minha mãe Dijacira de Farias, pelo suporte, companheirismo e motivação em todos os momentos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre iluminar minha caminhada e por me dá forças para superar todos os obstáculos da minha vida pessoal e acadêmica.

A minha mãe, Dijacira de Farias, pelo companheirismo, palavras de incentivo e suporte que, dentro da medida do possível, sempre me proporcionou, dando-me ânimo para seguir em frente e alcançar meus objetivos.

As professoras Angélica Mara e Valéria Raquel, pelas bibliografias sugeridas, pela dedicação e paciência que permearam a orientação desse trabalho e demais conhecimentos compartilhados ao longo do curso.

A todos os meus ex e atuais professores, do ensino básico até hoje, pela contribuição para minha formação acadêmica e enquanto ser humano.

A “minha” turma do curso de Geografia, pela parceria, momentos de aprendizagem mútua durante todo o curso e pelos laços afetivos construídos durante esse tempo que, certamente, se eternizarão.

A todos os funcionários do curso de Geografia da UEPB campus I, pelos trabalhos prestados e orientações repassadas quando me foi necessário.

A todos que compõem a Escola Municipal Damião Zelo de Gouveia, em especial a professora Maria da Conceição Costa e os alunos do 9º ano “D”, pela paciência e disponibilidade em torno do desenvolvimento desse trabalho.

Enfim, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a consolidação desse trabalho.

RESUMO

O estágio supervisionado é muito questionado quanto sua eficiência na formação de professores, devido às diversas questões nas quais a universidade, o sistema educacional e a própria sociedade estão imersos. Foi nessa perspectiva que desenvolvemos esse trabalho na busca de refletirmos a real importância desse componente curricular para a formação docente. Para tanto, utilizaremos nossa experiência de Estágio Supervisionado em Geografia II, vivenciada com alunos do 9º do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Damião Zelo de Gouveia. Nossa intervenção procurou, a partir das diversas linguagens, trabalhar o conteúdo globalização buscando superar a dificuldade dos discentes no tocante a interpretação de textos e do próprio espaço geográfico. Por se tratar de reflexões e análises em torno de uma vivência o método que utilizamos foi o autobiográfico, pois permite que tais procedimentos sejam realizados. Além da experiência *in loco*, o trabalho também está embasado em bibliografias que discutem o estágio supervisionado, a formação docente, a utilização de linguagens no ensino de Geografia, o processo de ensino-aprendizagem e o conteúdo globalização. Ao fim, constatamos que a capacidade de interpretação dos discentes melhorou timidamente e que o estágio supervisionado é fundamental para formação docente, pois é o único componente curricular que propicia ao graduando a oportunidade de conhecer seu campo de atuação de forma efetiva, refletindo sobre o exercício professoral ao mesmo tempo em que desenvolve sua criatividade e capacidade de pesquisa, contribuindo assim para a superação de problemas envolvendo o sistema educacional.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Ensino de Geografia. Linguagem. Globalização.

ABSTRACT

The period of supervised practice is commonly called into question about its efficiency in teacher training because of many topics in which universities, the educational system and society itself are included. Following this perspective, this work was developed in the quest for reflecting about this subject real importance for teacher training process. In order to achieve it, we will be based on our Geography Supervised Practice II experience, with 9th-grade students of the Municipal Middle School Damião Zelo de Gouveia. Our participation tried to, through the multiple languages work on globalization content trying to overcome student's difficulties regarding texts interpretation and even geographical area. Considering it consists in reflections and analysis about an experience practice, we applied the autobiographical method once those procedures to be done. Beyond the *in loco* experience, this work was also based on literature sources which discuss about the supervised practice, the teacher education and language use in Geography teaching, the teaching and learning process and the globalization topic. At last, we found that students textual interpretation capacity bashfully improved and that supervised practice is crucial for the teacher education once it is the only subject which provides graduation students the opportunity of effectively experience their area, reflecting about the teacher's role while it develops his creativity and research skills contributing to problem-solving inside educational system.

Key-words: Supervised Practice. Geography Teaching. Language. Globalization.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
1.1	INTERESSE PELO TEMA.....	08
1.2	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA E ESTRUTURA DO TEXTO.....	09
2	ESTÁGIO, LINGUAGENS E GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: APORTES TEÓRICOS	11
2.1	O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO DOCENTE.....	11
2.2	A IMPORTÂNCIA DAS LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	13
2.3	O CONTEÚDO GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	19
3	REGÊNCIA: A CONVERGÊNCIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA.....	23
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	23
3.2	MATERIAIS ANALISADOS.....	26
3.3	O USO DE LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	32
4	CONCLUSÃO.....	39
	REFERÊNCIAS.....	41

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 INTERESSE PELO TEMA

O estágio supervisionado é um componente curricular de fundamental importância para formação de qualquer profissional por ser, em muitos casos, a única forma do graduando ter contato com seu futuro campo de atuação, conhecendo e refletindo sobre os principais obstáculos que permeiam o exercício da profissão escolhida, como também por proporcionar ao universitário a oportunidade de refletir e traçar propostas de intervenção na tentativa de superar tais problemas, desenvolvendo assim, sua criatividade em prol de melhorias para sociedade.

Assim, com a impossibilidade de realizar o trabalho com um tema anteriormente escolhido para ser desenvolvido como TCC, associada ao marco importantíssimo que foi o Estágio Supervisionado em Geografia II, em especial a regência de estágio para minha formação, que contribuiu para consolidação do meu desejo de ser professor, permitindo-me refletir sobre o exercício professoral e os desafios que envolvem a escola e o processo de ensino-aprendizagem na contemporaneidade, optei pelo tema a ser discutido por meio dessa pesquisa.¹

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a importância desse componente curricular para formação docente e como objetivo específico verificar a relevância do uso das linguagens como recurso pedagógico no desenvolvimento de alunos críticos, capazes de interpretar textos e as mais diversas situações. Para tanto, utilizaremos nossa experiência de Estágio Supervisionado em Geografia II, componente curricular ofertado pelo curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O método adotado foi o autobiográfico por se tratar de uma vivência de estágio, considerando a professora de estágio, o estagiário, a professora supervisora de estágio e os próprios alunos como partes fundamentais dessa ação, haja vistas que o exercício professoral seja ele como professor titular ou estagiário não é uma atividade isolada.

A supracitada experiência foi realizada junto à turma do 9º ano “D” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Damião Zelo de Gouveia, localizada no município de São Vicente do Seridó, estado da Paraíba. A referida turma apresentava forte deficiência no tocante à capacidade de interpretação tanto de textos quanto das situações que lhes eram propostas, uma barreira para a formação crítica dos discentes, pois limita os alunos no que se

¹ Este trecho foi redigido em primeira pessoa do singular por se tratar de motivações restritas ao autor, no entanto, o restante do texto encontra-se redigido em primeira pessoa do plural, por entendermos que a vivência de estágio não é realizada de forma isolada.

refere à capacidade de relacionar os conteúdos com a realidade, como também, a capacidade de interpretação da mesma.

Diante dessa realidade, propomos uma intervenção pedagógica de maneira interdisciplinar, focando, principalmente, na leitura e na produção textual, primordiais para o processo de ensino-aprendizagem de toda e qualquer disciplina. Para isso, foram utilizadas linguagens como charges, músicas, reportagens jornalísticas e poemas para estudarmos o conteúdo globalização, sendo também uma tentativa de driblar tal problemática. Assim, esses recursos, aliados ao livro didático, foram usados na busca de proporcionar o debate crítico sobre a realidade que nos rodeia, despertando nos alunos a percepção sobre o porquê das coisas.

Experiências como essa são de fundamental importância para formação de professores, pois exercem a docência, de forma efetiva, não apenas pela simples observação das aulas, mas vivenciando, através da regência, a real complexidade que envolve o processo de ensino-aprendizagem, já que o graduando participa, praticamente, de todas as etapas desse processo.

1.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA E ESTRUTURA DO TEXTO

O processo de aprendizagem se dá de várias formas, sejam elas institucionalizadas ou não. Assim, aprendemos a partir das nossas vivências cotidianas e escolares, desde os mais remotos anos de nossa existência. Aprendizado este, que se ressignifica com o passar dos anos, ao mesmo tempo em que fundamenta nossos valores e nossa percepção de mundo.

Como os nossos objetivos são refletir a relevância do estágio supervisionado para a formação de professores e a relevância das linguagens como recurso pedagógico, através da nossa experiência de Estágio Supervisionado em Geografia II, o método que escolhemos para realização desse trabalho foi o autobiográfico, como já expomos em outro momento, por permitir, através das narrativas autobiográficas, reflexões em torno de vivências.

Assim, ao contrário dos métodos positivistas, o método autobiográfico considera a subjetividade do indivíduo, sendo uma metodologia importante para as Ciências Humanas no tocante o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, pois permite a compreensão dos fenômenos sociais a partir da percepção do sujeito sobre um determinado fato, já que “o ato de narrar a própria história de vida exige, do sujeito, o pensar sobre as suas vivências e sua trajetória pessoal, permeadas de valores, atitudes e crenças que demonstram sua visão de mundo, como implicações na construção da sua identidade.” (PORTUGAL, 2015.p. 53).

Embora o referido método tenha pouca popularidade no âmbito acadêmico, obras relevantes na área do ensino de Geografia vêm crescendo nas últimas décadas. Nessas produções os autores refletem, por meio de narrativas, seguindo a ordem cronológica dos fatos, suas vivências individuais ou coletivas, a formação de professores, o ensino de Geografia nos diversos níveis e, por conseguinte, as instituições de ensino como um todo (SILVA e MENDES, 2015).

Sobre os trabalhos acadêmicos envolvendo as narrativas, Bahia (2017, p. 179) afirma:

[...] os estudos e pesquisas sobre as narrativas (auto) biográficas acenam para a possibilidade do resgate da identidade docente e, também, como um processo necessário não só para o fortalecimento do eu individual-profissional-coletivo, mas, especialmente, para a compreensão e o enfrentamento do cotidiano profissional que, por vezes, faz parte de um contexto conturbado, complexo e contraditório, que muitos profissionais da área da educação vivenciam.

Assim, as narrativas autobiográficas atuam na formação docente como uma ferramenta importante para o crescimento do graduando a partir de si próprio, principalmente em termos didáticos-pedagógicos, já que promove a autoavaliação e a problematização sistemática de atitudes e vivências pretéritas, em “um processo de caminhar para si” (SILVA e MENDES, 2015, p. 158).

Dessa forma, com a narrativa autobiográfica pudemos refletir sobre a contribuição dessa experiência de estágio para nossa formação e, conseqüentemente, sobre os diversos aspectos que envolvem a formação docente e o processo de ensino-aprendizagem no ensino básico. Com a sistematização da nossa vivência foi possível refletirmos, analisarmos e, de certa forma, mensurarmos o conhecimento que obtivemos com a experiência em questão. Cabe ressaltar que esse método também promoveu nosso autoconhecimento e a possibilidade de melhorarmos enquanto docentes a partir da autocrítica.

A fim de estruturar nossa visão em torno da temática abordada, organizamos esse trabalho da seguinte forma: após essas considerações, no segundo capítulo discutiremos, através de vários autores da área, a importância do estágio supervisionado na formação docente, a importância das linguagens no ensino de Geografia e o conteúdo globalização no ensino dessa disciplina, já no terceiro capítulo apresentamos a vivência de estágio, destacando a caracterização da escola, os matérias analisados e como as linguagens foram usadas durante a intervenção, por último, trazemos nossas conclusões sobre o trabalho e as referências utilizadas.

2 ESTÁGIO, LINGUAGENS E GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: APORTES TEÓRICOS

A fim de dar respaldo científico as nossas concepções, trazemos nesse capítulo diversos autores, tais como Souza (2013), Richter (2013), Santos, Costa e Kinn (2010), Ostrowszki e Ostrowszki (2015), Castellar (2013) entre outros, que atentam a importância do estágio para formação profissional, sobretudo para formação docente, o uso das linguagens como recurso didático e o conteúdo globalização no ensino de Geografia. Além de corroborarem, assim como Mauri (2003) e Freire (1996), com as nossas ideias de como deve ser conduzido o processo de ensino-aprendizagem, o papel do professor em sala de aula, sua relação com o aluno, como deve ser utilizado o material didático etc., ou seja, bibliografias que reforçam nossa visão de ensino e de como se dá a aprendizagem.

Assim, nos próximos tópicos desse capítulo, trazemos reflexões em torno da relevância do Estágio Supervisionado em Geografia para formação docente, a importância das linguagens no ensino de Geografia e como, em nossa visão, o conteúdo globalização pode ser “potencializado” e mais significativo quando ministrado nas instituições escolares.

2.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO DOCENTE

Embora, atualmente, se discuta muito sobre o cumprimento e a eficiência do estágio na formação do professor devido às amarras presentes nos documentos pedagógicos que regem o estágio, a baixa qualidade na formação dos professores da educação superior, o não cumprimento integral da carga horária e a ausência de diálogo entre escola e universidade que, assim, comprometem a logística no tocante a realização do estágio (SOUZA, 2013), esse componente curricular, juntamente aos programas como o PIBID, continua sendo a melhor e em muitos casos a única oportunidade do licenciando ter contato com o seu campo de atuação, observando e vivenciando como o papel do professor é efetivado no ambiente escolar, dentro das limitações impostas pela escola e pelo próprio sistema educacional como um todo.

Neste contexto, e considerando a inexperiência do graduando no que diz respeito à prática docente e a importância deste desenvolver, junto ao aluno do ensino básico, a capacidade de perceber o espaço criticamente, correlacionando-o com os conceitos e temas da Geografia, por meio de boas estratégias pedagógicas que facilitem a internalização das informações geográficas por parte do alunado e ainda correlaciona-las com o cotidiano, o

Estágio Supervisionado em Geografia torna-se um componente curricular no mínimo desafiador, principalmente, para o licenciando noturno que, muitas vezes, tem que conciliar a vida acadêmica com alguma atividade remunerada durante o dia. Em relação à complexidade e os vários desafios que envolvem a realização do estágio supervisionado, Souza (2013, p. 108) afirma que:

Tudo isso reafirma a importância do estágio na formação de professores, por um lado, e, por outro, aponta-se o quanto essa atividade é complexa. Pode-se inferir que quanto mais se considera o estágio supervisionado uma atividade complexa, maior será a sua importância na formação do professor de Geografia.

Segundo indica o autor, esse componente curricular pode ser ainda mais significativo se forem desenvolvidas outras atividades, como análise de projetos pedagógicos da escola ou outros documentos curriculares, análise de projetos de pesquisa que abordem o ensino de Geografia etc., ou seja, ir além do simples planejamento e regência das aulas, analisando tudo o que permeia o ser professor e o processo de ensino-aprendizagem.

Richter (2013), afirma que o professor de Geografia do ensino básico precisa relacionar três aspectos fundamentais para o exercício da docência com embasamento crítico e conhecimentos estruturados, direcionados aos alunos, são eles: o conhecimento científico, o conhecimento pedagógico e o exercício da pesquisa.

Neste sentido, a regência de estágio é fundamental para que os licenciandos possam articular os conceitos e as temáticas que norteiam a ciência geográfica (conhecimento científico) para traçar as melhores estratégias (conhecimentos pedagógicos) possibilitando com que o aluno compreenda o conteúdo trabalhado, considerando o espaço vivido. Para tanto, é fundamental que o estagiário/docente considere, também, as limitações da instituição escolar e a realidade socioeconômica na qual ela está inserida.

É a partir da relação entre estes dois conhecimentos que o estagiário está se comportando como cientista, já que as reflexões sobre o ensino-aprendizagem, norteadas pelos textos acadêmicos, os planejamentos e a necessidade da adoção de estratégias pedagógicas que correspondam à realidade escolar, promovem a articulação entre teoria e prática formulando novas formas e métodos de ensinar e aprender.

Dessa forma, o estágio é fundamental para formação de qualquer professor já que oportuniza o contato do estagiário com o seu futuro campo de atuação possibilitando que ele saiba, de fato, qual o papel do professor e como suas funções estão sendo desenvolvidas diante do sistema educacional vigente. É também, uma oportunidade do graduando decidir se realmente quer exercer a docência.

Como já destacado, um dos desafios dos estagiários, assim como do professor regente e demais profissionais responsáveis pelo sistema de ensino, é desenvolver e propor a turma, meios que possibilitem com que o discente aprenda com a maior facilidade possível, como também, possibilitar uma aprendizagem com mais qualidade. Para tanto, é importante que o professor, como o profissional da educação que está mais próximo do aluno em relação aos demais profissionais, considere as dificuldades e potencialidades dos educandos, postura essa válida para nós estagiários em nossas intervenções.

Uma das dificuldades que boa parte do alunado brasileiro enfrenta atualmente e que identificamos no estágio, é a deficiência de compreender textos e determinadas situações interpretativas, o que compromete a capacidade do aluno relacionar o conhecimento geográfico estudado em sala com a realidade. Nesse contexto, as diversas linguagens são uma das muitas alternativas de sanar ou amenizar tais dificuldades, além de auxiliarem, de uma forma dinâmica, no processo de construção do conhecimento pertinente a ciência geográfica.

2.2 A IMPORTÂNCIA DAS LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A deficiência na capacidade de interpretação de textos e situações problema é uma barreira que impede que boa parte dos alunos do ensino básico atinjam os objetivos esperados no tocante a construção do conhecimento, não só nas disciplinas como Língua Portuguesa, Geografia e História, mas também em outras como Matemática e Física, isso porque os discentes não conseguem compreender os questionamentos que lhes são impostos, principalmente quando estes se apresentam de forma contextualizada, embora, muitas vezes, saibam o passo a passo da resolução das questões os educandos não conseguem associar o que “sabem” com o que lhe é pedido. Nesse sentido:

A escola [...] deve apropriar-se das várias linguagens e meios de comunicação para ensinar a decodificação, a análise, a interpretação e o uso de dados e informações e desenvolver no aluno a capacidade de assimilar e conviver com outros e novas tecnologias, que provocam também novas formas de aprender, com poder de reflexão e visão crítica (SANTOS; COSTA e KINN, 2010, p. 45).

Na Geografia a capacidade de interpretar o que se é lido ou visto é essencial para a formação de cidadãos críticos, já que as palavras ditas ou escritas estão carregadas de significados ou ideologias de quem as escreveu ou as falou. Dessa forma, é indispensável para que os alunos desenvolvam a capacidade de perceber o que, o porquê e o para que ou para quem de determinada situação.

Neste sentido, é de fundamental importância o uso, além do livro didático, de outros recursos que possibilitem não só o estímulo à leitura e a produção textual, mas também auxiliem na discussão dos conteúdos e temas geográficos, tais como poemas, reportagens, músicas e charges. Já que o material didático oferecido pelo Governo Federal, no caso da rede pública, nem sempre correspondem às particularidades e realidades do aluno, em termos socioespaciais e cognitivos. Até porque elaborar um material didático que corresponda à realidade de todos os estudantes brasileiros é uma tarefa praticamente impossível haja vistas a dimensão e a diversidade social, étnica e “natural” que possui nosso país.

Tais estratégias didáticas são capazes também de deter a atenção dos alunos e tornar as aulas mais agradáveis para os mesmos. Pois é notório o desinteresse ou a antipatia dos discentes no tocante a ciência geográfica. Sobre o sentimento do não gostar da disciplina, Melo (2017) em sua pesquisa realizada junto aos alunos do 6º ano da Escola Municipal Antônio Trovão de Melo, localizada no município de Caturité – PB revela que:

[...] grande maioria, 52%, disseram não gostar da disciplina por considerá-la chata e de difícil entendimento, 63% dos alunos afirmam não entender a matéria, segundo alguns deles o motivo é “porque estuda muitos mapas” outros atribuem sua dificuldade ao fato de “não ter uma boa memória”, o que reflete uma postura conservadora da disciplina, alguns alunos consideram a ciência difícil por ser muito abrangente, ou seja, porque nela estuda desde a formação da terra a mapas e gráficos o que para muitos torna a disciplina ruim. (MELO, 2017, p. 31).

Os fatos narrados pela autora acima citada expõem uma realidade que não se restringe apenas a escola onde foi realizada sua pesquisa, mas sim uma situação que é perceptível em praticamente todos os educandários brasileiros e que se projeta para as demais séries/anos do ensino básico. Tudo isso é reflexo de um ensino de Geografia pautado em práticas mnemônicas e que desconsideram o cotidiano do aluno, deixando transparecer que o conhecimento geográfico não tem nenhuma utilidade prática. Tais metodologias de ensino já foram mais fortes no passado, porém, vêm perdendo força durante a evolução da ciência geográfica e, especificamente, sua relação com a Pedagogia que dá bases a uma disciplina escolar.

Contudo, percebemos que tais metodologias coexistem no espaço escolar junto a metodologias mais inovadoras. O que contribui de certa forma, para a antipatia de boa parte dos alunos no que concerne à disciplina Geografia, já que por terem essa repulsa pela disciplina fica evidente que em algum momento de suas trajetórias escolares vivenciaram alguma experiência traumática que possibilitou o cultivo de tal sentimento.

A utilização de práticas que tornem o ensino mais prazeroso torna-se ainda mais urgente se considerarmos a realidade socioeconômica de boa parte do alunado brasileiro que a partir dos últimos anos do ensino fundamental, começa a sofrer pressões por parte da sociedade consumista, modista e pautada no status, no tocante a melhoria de suas condições socioeconômicas por meio da inserção no mercado de trabalho, o que agrava a evasão escolar.

A fim de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e em oposição aos métodos com o nível de tradicionalismo acima descrito, as linguagens, formas de expressão da realidade que permeiam o cotidiano dos alunos, são recursos didáticos pertinentes ao ensino de Geografia por estarem carregados de informações relacionadas ao ensino dessa disciplina, contando, muitas vezes, com abordagens descontraídas, as linguagens atribuem mais leveza e facilidade ao processo de construção do conhecimento. Tal facilidade deve-se justamente ao fato das linguagens fazerem parte do cotidiano do aluno não só em sua vida social, fora da escola, mas também, pelo contato do discente com tais formas de expressão por meio de outras disciplinas escolares, como Língua Portuguesa.

Assim, consideramos as linguagens como uma estratégia didática de extrema importância para o ensino de Geografia por levar em consideração o universo cultural do aluno, sua vida cotidiana, além de considerar conhecimentos e temas de outras áreas do conhecimento, permitindo que o aluno perceba que as disciplinas escolares e o conhecimento científico como um todo não estão soltos, mas sim se complementam. Dessa forma, os diversos tipos de linguagens formam uma ponte que conecta as disciplinas escolares, contribuindo para que o aluno melhore sua capacidade de relacionar as várias áreas do conhecimento e consiga um melhor desempenho nestas, além de contribuírem para o aperfeiçoamento do raciocínio lógico do educando e tornarem esse processo mais agradável.

Um exemplo de linguagem didática é o gênero charge, que é muito oportuno na perspectiva de tornar as aulas mais prazerosas isso por trazer, muitas vezes, abordagens irônicas e ao mesmo tempo engraçadas sobre várias situações, polemizando diversas problemáticas tanto de ordem nacional quanto mundial. Sobre esse gênero textual podemos afirmar que:

Por ser a charge veículo de humor, ironia, sarcasmo, a interação desse gênero se faz mediante o mergulho do leitor aos conhecimentos anteriores sobre diferentes técnicas, para então compreender a dimensão explorada pelo gênero, pois a linguagem verbal e não verbal da charge possibilita vários entendimentos determinados pela bagagem de significados de cada um sobre o tema (OLIVEIRA, *et al*, 2016, p. 179).

Como afirmam os autores, dentre uma turma de alunos pode haver diferentes interpretações sobre uma única situação envolvendo o gênero charge, como também sobre os demais gêneros e situações cotidianas, a depender das experiências de cada um como indivíduo culturalmente instruído, da formação acadêmica e, por conseguinte, da capacidade cognitiva dos discentes, o que torna de fundamental importância à mediação do professor no que tange a relação aluno/linguagens a fim de estabelecer uma relação coerente entre estes no tocante ao conhecimento científico. Ao considerarem a dimensão cultural no processo de ensino-aprendizagem:

[...] os professores devem *ajudar* os alunos durante o próprio processo de elaboração pessoal do conhecimento, para garantir que as relações que estabelecem entre o próprio conhecimento e o conteúdo a ser aprendido sejam realmente relevantes e não arbitrárias; isto é, para que não tenham um valor individual-particular, mas também sociocultural (MAURI, 2003, p. 93, *grifo do autor*).

Diante das ponderações realizadas pela autora, fica evidente que a postura docente é de fundamental importância para que a relação entre aluno e linguagens (conhecimento cultural) não fique limitado ao campo da descontração propiciada pelo humor, mas também contribua para que o aluno tenha uma visão ampla, sentindo-se provocado a refletir sobre a problemática abordada por tais gêneros, dessa maneira não se limitando aos achismos do senso-comum.

A reportagem também pode ser um recurso didático interessante por trazer uma gama de informações atuais que merecem ser debatidas em sala, principalmente pela facilidade de acesso gerado pela expansão das telecomunicações e a internet. Para Ostrovszki e Ostrovszki (2015, p. 33025):

Neste contexto ágil, apresenta-se [sic!] a escola, que possui uma intrínseca relação com a sociedade, e deve enfrentar o desafio, de formar cidadãos que compreendam as dinâmicas e acontecimentos sociais sendo participantes ativos desta sociedade. Para isso, utiliza-se de conteúdos contextualizados com a realidade hora vigente, favorecendo assim, um ensino aprendido realmente significativo, tornando-o mais atrativo e participativo.

A utilização desse recurso é interessantíssima para gerar discussões como também para dar embasamento ao debate, por trazer situações e problemáticas atualizadas e que fazem parte do cotidiano do aluno seja de forma direta ou indireta. Dessa forma, vamos de encontro aos apontamentos de Freire (1996) ao ressaltar a importância do professor respeitar o conhecimento prévio dos discentes e utilizar a vivência cotidiana destes como subsídio para as discussões e o aprendizado em sala de aula.

Nesta perspectiva Ostrowszki e Ostrowszki (2015, p. 33027) ainda apontam que:

[...] o jornal é um recurso pedagógico de acesso à informação, favorecendo a contextualização do conteúdo, mostrando a realidade social. Pois é uma fonte de informação, e para a escola, esta informação, pode ser matéria prima para auxiliar no aprendizado do conteúdo escolar.

Porém, como afirma Tajra (2008, p.134 *apud* OSTROWSZKI e OSTROWSZKI, 2015, p. 33028):

Os jornais e as revistas são um grande veículo de comunicação e de informação. O professor deve estar atento ao sensacionalismo das reportagens contidas nos jornais e revistas, visto que as redações jornalísticas, geralmente utilizam expressões e argumentações que muitas vezes distorcem a realidade, visando atrair a atenção do leitor e o atendimento do retorno comercial.

Assim, esse gênero textual torna-se fundamental para fomentar discussões em torno do papel da mídia, do produto midiático e a atuação das forças hegemônicas no mundo contemporâneo. Já que o texto jornalístico, assim como os demais gêneros, carrega em si posicionamentos e ideologias, considerando que não existe informação neutra. Dessa forma, é essencial a participação do professor no tratamento dessas informações para conseguir o resultado desejado: um aluno reflexivo.

Em se tratando de reportagens audiovisuais, esse gênero torna-se ainda mais atraente, pois aglutina dois sentidos (visão e audição) ao processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes mostrando o local onde aconteceu a notícia em tempo real, uma das marcas do atual estágio de desenvolvimento tecnológico, oportunizando a análise não só do que é falado, mas também da paisagem que é vista.

“No tocante à música e a poesia são capazes de captar através do som, melodias ou mesmo versos, inúmeros acontecimentos e movimentam o imaginário que trazem à vida, cotidianos” (SOUSA, *et al*, 2016, p. s/p). Dessa forma para que esses recursos causem um impacto significativo sobre o aprendizado dos alunos, é necessário que esse material seja selecionado considerando, também, a vivência do alunado e a faixa etária da turma a fim de prender ao máximo a atenção dos discentes e desenvolver um olhar geográfico sobre essas obras ao mesmo tempo em que oportuniza uma reflexão sobre seus gostos e a questão ideológica que está por trás disso. Nessa perspectiva,

[...] o uso da música e da poesia na sala de aula apresenta-se como um aparato metodológico no auxílio ao ensino de geografia, uma vez que, esses recursos/gêneros, comportam uma riqueza de conhecimentos em suas letras e versos que estão diretamente relacionados ao ensino desta disciplina (SOUSA, *et al*, 2016, p. s/p).

Desse modo, o uso da poesia e da música além de trazer certa inovação para as aulas de Geografia, incorporando a audição ao processo de aprendizagem, auxilia na capacidade de produzir e interpretar textos. Notamos que todas essas linguagens utilizam-se dos diversos sentidos para passar sua mensagem, o que pode facilitar a construção do conhecimento por parte dos alunos.

Ainda sobre a utilização da música como recurso didático Silva (2015, p. 21) aponta:

O auxílio dessa ferramenta quando utilizada de maneira adequada traz grandes êxitos para o processo de ensino e aprendizagem do aluno e realização profissional ao professor. O aluno passa a assimilar e entender o conteúdo de forma mais rápida e eficiente além de enriquecer o método como o professor ensina geografia nas suas aulas desta forma haverá um desenvolvimento cognitivo de ambas as partes formadoras do processo de ensino e aprendizagem.

Como expõe a autora, recursos didáticos como a música, a poesia, a charge e o gênero jornalístico, trazem benefícios não só para o alunado, mas também promovem o crescimento profissional do docente, considerando o inacabamento do professor que para Freire (1996, p. 50) está intimamente ligado ao “[...] inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da existência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente”.

“Para Piaget, a aprendizagem é um processo que começa no nascimento e acaba na morte” (ARAÚJO e RIBEIRO, 2009, p. s/p). Dessa forma, o docente, como os demais profissionais, deve se conscientizar que não é detentor do saber, sendo o exercício professoral uma oportunidade de estar, diuturnamente, aprendendo e refletindo sobre a sua prática. Além dessas reflexões constantes há necessidade também, de se qualificar quanto profissional em termos teórico-metodológicos, haja vistas as mudanças frenéticas do mundo contemporâneo frente à globalização.

Sobre o inacabamento, é necessário ressaltar que o professor deve sempre repensar sua vivência quanto ser humano, capaz de compreender questões ligadas às capacidades psicomotoras e socioeconômicas dos seus alunos, relacionando-as com o processo de ensino-aprendizagem e adequando suas estratégias pedagógicas a essa realidade. Dessa forma, tornado o processo de ensino-aprendizagem mais proveitoso do ponto de vista qualitativo.

No mundo pós-moderno em que vivemos, essa capacidade de estar sempre repensando sobre o exercício da docência e se reciclado enquanto profissional torna-se praticamente uma necessidade, isso pela fluidez do mundo contemporâneo onde à realidade e os fenômenos

socioespaciais se modificam em uma velocidade assustadora, haja vistas a modernização dos métodos e técnicas propostas pelo estágio de globalização atual.

Traçar meios didático-pedagógicos para que os alunos compreendam os impactos desse fenômeno sobre suas vidas e a dinâmica em que o mesmo se processa em seu cotidiano é salutar para a formação de cidadãos capazes de pensar o espaço criticamente, a começar pelo seu espaço de vivência.

2.3 O CONTEÚDO GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O processo de globalização teve suas bases gestadas nas expedições marítimas quando as grandes potências econômicas da Europa se “aventuraram” ao mar em busca de matéria-prima e mercado, isso no século XV ou ainda, como afirma Castellar (2013), remonta, no mínimo, ao século XIII quando as cidades-estados italianas iniciaram suas atividades comerciais internacionais.

Torna-se notório que as inovações propostas por esse fenômeno desde sua gênese estão intimamente ligadas as necessidades do capitalismo em se perpetuar e se expandir pelo globo. Porém, foi a partir das últimas décadas do século XX que essa proposta se consolidou de fato, provocando mudanças significativas nas formas de produzir, com a sofisticação e a integração entre a técnica, a informação e a Ciência. Como afirma Santos (2006, p. 159):

Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e a técnica, torna-se um mercado global. A ideia de ciência, a ideia de tecnologia e a ideia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente e desse modo podem oferecer uma nova interpretação à questão ecológica, já que as mudanças que ocorrem na natureza também se subordinam a essa lógica.

Como afirma o autor, no meio técnico-científico-informacional termo criado por Santos (2006) e referente ao atual estágio da globalização, as transformações no meio natural também estão atreladas a lógica do mercado global, ressaltando as novas relações que o processo de globalização estabelece com o espaço e as novas relações socioespaciais que se configuram na sociedade contemporânea, não só relacionadas às formas de produzir, mas também em termos culturais, sobretudo com a popularização das telecomunicações na primeira década do século XXI que por sua vez propiciou, de certa forma, uma maior aproximação entre os lugares e maior contato entre os povos. Para Araújo e Ribeiro (2009, s/p):

Uma das marcas da sociedade contemporânea é, certamente, a sofisticação dos meios de comunicação que, por consequência, [sic!] invadem a vida cotidiana, alterando profundamente o comportamento das pessoas, mesclando a dimensão local e a dimensão global, articulando a experiência particular à cultura global.

Porém, não foram apenas as telecomunicações, muitos são os “tentáculos” da globalização que se intensificaram com o advento das novas tecnologias entre eles a industrialização, as novas formas de produzir, bem mais intensas, com o aumento dos fluxos comerciais e turísticos que promoveram a “integração” econômica e social entre as mais diferentes regiões. Tudo isso promoveu transformações significativas nas relações sociais e consequentemente no espaço geográfico.

Nesse contexto, a escola, por meio de seus currículos, também se configurou como um dos vetores modernizantes da globalização ao restringir suas atribuições a formação de mão de obra e drenagem da mesma para os grandes centros urbanos, dessa forma se submetendo a lógica do capital internacional e deixando à margem o dever de formar cidadãos capazes de pensar a sociedade e o espaço geográfico criticamente.

Fica evidente que todas as regiões do globo sofreram algum tipo de mudança com o atual estágio do processo de globalização, porém com diferentes graus de profundidade. Haja vistas que os vetores globalizantes, de uma forma ou de outra, alcançaram todas as localidades, ou seja, a globalização se consolida no espaço vivido.

Nesta perspectiva, e relacionando-a como o ensino de Geografia, cabe ressaltar a abordagem cognitivista piagetiana que afirma que as crianças ou ainda podemos afirmar os seres humanos, de forma gradativa, constroem seu conhecimento a partir da relação dialética com os objetos ao seu entorno, ou seja, a partir da relação cotidiana com o espaço onde vive (ARAÚJO e RIBEIRO, 2009).

Dessa forma, o ensino do conteúdo globalização não deve se ater, apenas, as grandes transformações e inovações tecnológicas vivenciadas pelos grandes centros urbanos, mas também traçar mecanismos didático-pedagógicos que propiciem aos alunos a capacidade de identificar as contribuições, significados e ressignificações em termos espaciais e sociais ofertados pela globalização ao seu espaço de vivência, como também relacionar a realidade local com outras realidades, sejam elas em escala regional, nacional ou mundial, além de perceber qual o seu papel diante desse contexto. Castrogiovanni (et al, 2010, p. 93), ao referir-se ao conteúdo de Geografia como um todo, afirma que este:

[...] é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do

professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos de geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo (*apud* FERREIRA, 2016, s/p).

Assim, considerando essa premissa o professor cumpre a função proposta pelas correntes educacionais contemporâneas de “fazer o aluno pensar e construir seus próprios conceitos a partir do seu cotidiano, ou seja, utilizar-se dos seus conhecimentos prévios para construir os conhecimentos científicos” (FERREIRA, 2016, s/p).

Essa proposta de considerar, no processo de ensino-aprendizagem, o conhecimento cultural do aluno, ou seja, o conhecimento adquirido na vivência em sociedade facilita o processo de construção do conhecimento, pois o aluno não vai aprender algo novo ou totalmente novo, mas sim atribuir um novo significado ao conhecimento que adquiriu enquanto ser cultural (MAURI, 2003).

Nessa perspectiva, a autora também ressalta que a postura do docente em relação a todas as atividades e procedimentos realizados em sala, deve levar em consideração o aluno como ser ativo, protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, e não como alguém que apenas recebe determinada informação.

Castellar (2013, p. 194) salienta que considerando tais pressupostos é necessário que o docente “pensando nas metodologias inovadoras e ativas que propõem que o professor pense em jogos, resolução de problemas, imagens, leituras de mapas entre outros procedimentos”, ou seja, que o docente solicite atividades investigativas pelas quais o aluno, recebendo as orientações necessárias, possa adquirir a capacidade de refletir e compreender as relações que se estabelecem no espaço geográfico, em diferentes escalas de análise.

Recursos didáticos como os que já foram destacados anteriormente, ou seja, linguagens cotidianas como músicas, reportagens, charges etc., vão de encontro às propostas globalizantes a partir dos ideais que reproduzem, seja de forma direta ou indireta, já que representam por meio de seus códigos as realidades vividas socialmente seja na atualidade ou em outras épocas. O que as tornam ainda mais importantes para pesar as modificações do espaço e da sociedade frente ao processo de globalização.

Em uma época em que o produto midiático, as telecomunicações e a internet têm um protagonismo sobre opinião pública, nunca antes visto na história da humanidade, trazendo, muitas vezes, discussões e conceitos equivocados sobre a globalização e as inter-relações desta com outros conteúdos, acentuando as contradições já inerentes a tais temáticas (CASTELLAR, 2013), o uso das supracitadas linguagens por meio de atividades escritas,

interpretativas e/ou discursivas é uma forma, razoavelmente prazerosa, de discutir várias questões a serem esclarecidas, tanto aquelas reais quanto aquelas que permeiam o imaginário do alunado.

Dessa forma, durante a intervenção do estágio procuramos destacar as contradições envolvendo o conteúdo abordado a fim de desmistificar a ideia que permeia as convicções de muitos alunos, de “um mundo fantasioso, um lugar que parece diante de nossos olhos como maravilhoso, solidário, feliz, justo, sem desigualdade” (VIEIRA; ARAÚJO e BARBOSA, 2016, p. 28), muito propagada pelos vetores globalizantes.

3. REGÊNCIA: A CONVERGÊNCIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Considerando a complexidade que envolve o exercício professoral e a fim de tornar o estágio mais proveitoso para a formação docente em todos os aspectos possíveis, foram desenvolvidas durante o estágio atividades além da regência das aulas e da descrição, meramente visível, da estrutura física da escola. Desse modo, procuramos refletir sobre as características físicas e humanas da referida instituição escolar, buscando analisar as potencialidades e deficiências destas e o uso dos diferentes espaços escolares como recursos didático-pedagógicos.

Assim, nos tópicos seguintes serão expostas as características da instituição onde o estágio foi realizado, a análise do livro didático da turma e do regimento interno da escola. A análise do livro, fundamental na tentativa de melhorarmos a qualidade das aulas no que tange a didática, enquanto a análise do regimento interno, importantíssima para melhor compreendermos a dinâmica do educandário. Por último, analisamos a experiência de estágio realizada junto ao 9º ano “D” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Damião Zelo de Gouveia.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Damião Zelo de Gouveia (figura 01) localiza-se às margens da cidade de São Vicente do Seridó. Sendo assim, há pouco movimento na parte externa do prédio e dessa forma não há problemas com relação a barulhos externos à instituição.



Figura 01: Fachada da E.M.E.F. Damião Zelo de Gouveia.
Fonte: Arquivo pessoal de estágio, 2018.

A referida escola reflete a situação de boa parte das instituições educacionais brasileiras, conta com 25 salas entre elas, um laboratório de informática, uma sala para direção, uma sala para os professores com banheiro exclusivo, uma sala para os secretários, uma sala para AEE² e uma sala de vídeo climatizada (figura 2). Além de uma biblioteca, uma cozinha, quatro banheiros, almoxarifado e uma quadra de esportes, conta também com um amplo pátio descoberto (figura 3).

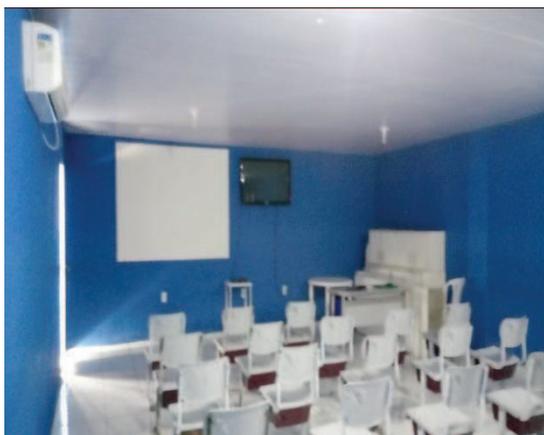


Figura 02: Sala de vídeo.
Fonte: Arquivo pessoal de estágio, 2018.



Figura 03: Pátio da escola.
Fonte: Arquivo pessoal de estágio, 2018.

Funcionando os três turnos, a instituição atende cerca de 500 alunos, do 4º ao 9º ano do ensino regular (turnos matutino e vespertino), como também do 6º ao 9º ano na modalidade EJA, no turno noturno. Com 64 funcionários, entre professores, pessoal de apoio, orientadores e direção, essa escola conta com um corpo docente relativamente bem qualificado, graduados e muitas vezes especialistas, boa parte advinda de concursos públicos, havendo muitos profissionais de municípios vizinhos.

Embora conte com uma estrutura considerável, com o mínimo exigido para uma escola, e melhorada ao longo de sua existência, pudemos perceber que a instituição funciona com relativa precariedade. Em algumas salas as paredes estão rabiscadas, não são forradas, não possuem ar-condicionado e nem piso em cerâmica ou similar (figura 4). Não há auditório e nem copiadora. Os livros didáticos não são suficientes para todos os alunos, o que gera dúvidas quanto à qualidade da biblioteca, que aparenta contar apenas com livros didáticos desatualizados. O acesso à internet na escola é precário, restringe-se apenas a direção e alguns funcionários, sendo que o laboratório de informática ainda está sendo “organizado” desde o ano de 2017.

² Atendimento Escolar Especializado.

Assim, os alunos contam com poucas fontes de pesquisa, apenas com o livro didático, que é insuficiente, com a biblioteca e com fontes de pesquisa que por ventura tenham acesso fora da escola. Percebemos também que a quadra de esportes (figura 05), encontra-se vandalizada, não sabendo ao certo se por alunos da própria escola ou pela comunidade local, já que a mesma localiza-se fora da instituição.



Figura 04: Sala padrão da escola.
Fonte: Arquivo pessoal de estágio, 2018.



Figura 05: Quadra da escola.
Fonte: Arquivo pessoal de estágio, 2018.

Contudo, é possível, com um pouco de criatividade, aproveitar pedagogicamente alguns espaços da referida escola, como por exemplo: desenvolvendo peças teatrais e outras expressões artísticas, jogos abordando os mais diversos temas, além de orientação e localização geográfica, etc. Tais atividades podem ser desenvolvidas e exibidas na quadra ou no pátio, que como já foi exposto, é bem amplo. Dessa forma, é possível deixar o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso, lúdico e proveitoso.

Quanto aos tempos escolares, a instituição sempre dá início as suas atividades nas últimas semanas do mês de fevereiro ou no início do mês de março, com recesso junino de duas semanas, geralmente, e encerramento do ano letivo nas primeiras semanas de dezembro. As turmas, em todos os turnos, contam com 6 aulas diárias, cada aula com tempo de 45 minutos, com intervalo de 15 minutos entre a 3^a e a 4^a aula, tempo destinado para que os alunos lancem.

No tocante a estrutura administrativa do referido educandário é composta por 3 funcionários: o diretor geral, com nível superior, licenciado em História, a vice-diretora, com formação em Pedagogia e a diretora adjunta, também pedagoga. Como a escola funciona os três turnos do dia, eles dirigem a instituição alternadamente, exceto casos específicos.

A supracitada escola conta com duas equipes de coordenação pedagógica, uma para o fundamental I, encabeçada por um pedagogo e outra destinada ao fundamental II, chefiada por um físico e uma pedagoga especialista em psicopedagogia, não havendo supervisores escolares na instituição.

A secretaria conta com três funcionárias com grau médio de formação, sendo que duas trabalham no turno matutino e uma a noite. Elas são encarregadas de realizar matrículas, atualizar os dados dos alunos e da escola e auxiliar os professores, caso necessário, fazendo cópias e disponibilizando os materiais e recursos didáticos solicitados e existentes na escola.

Percebemos que a estrutura humana da instituição é deficitária, pelo menos no turno vespertino, turno este em que realizamos o estágio, não só pela falta de secretária, mas também por não haver porteiro, o que acaba sobrecarregando outros funcionários.

Durante a experiência de estágio, percebemos também a movimentação de toda a escola em torno de um projeto, o único que estava sendo desenvolvido no momento de forma interdisciplinar. Tal projeto referia-se a uma pesquisa sobre os diversos aspectos do município de São Vicente do Seridó: geográficos, históricos, culturais, linguísticos etc. Uma espécie de reconstrução ou construção da história do município por meio de pesquisas de campo, realizadas por alunos de todos os anos escolares que se disponibilizaram a participar desse trabalho. Os discentes também ficaram encarregados de construir materiais para exposição que ocorreria no mês de junho.

Exceto esse projeto, os outros são desenvolvidos pelos professores de forma isolada desconsiderando a interdisciplinaridade das temáticas e se restringindo a determinadas turmas.

Outro fator primordial para a compreensão do dia-a-dia da referida instituição foi a informação da participação da mesma no Programa Mais Educação do Governo Federal que, de modo geral, busca por meio do aumento da carga horária dos discentes do ensino fundamental, melhorar a aprendizagem dos mesmos, principalmente em Língua Portuguesa e Matemática, mas também, com atividades desenvolvidas no campo das artes, da cultura, do esporte e do lazer. Assim, presenciamos o quanto esse programa mexe com a dinâmica da instituição já que no turno da tarde a escola recebe os alunos regularmente matriculados e os que participam desse programa de intervenção pedagógica.

3.2 MATERIAIS ANALISADOS

Considerando a complexidade que permeia o exercício professoral, foi solicitado nesse estágio que fizéssemos a análise do livro didático adotado na turma e do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, visando que pudéssemos alcançar a melhor compreensão

possível da prática docente e da realidade escolar. Pela falta do PPP da instituição, analisemos nesse trabalho o regimento interno da escola.

Desta forma, e considerando os apontamentos de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) para avaliação do livro didático, o material analisado³ traz uma capa (figura 06) bem chamativa tanto em cores quanto do ponto de vista do conhecimento geográfico. Contando com palavras e cores de fundo, a capa do livro intitulado Geografia: homem & espaço para o 9º ano, conta com as cores amarela, branca e dois tons diferentes da cor rosa. A imagem do livro, um rapaz africano com trajes tradicionais daquela localidade, segurando um celular ao “pé” do ouvido, em meio a uma paisagem semiárida, mostra as relações dialéticas que permeiam o mundo técnico-científico-informacional.

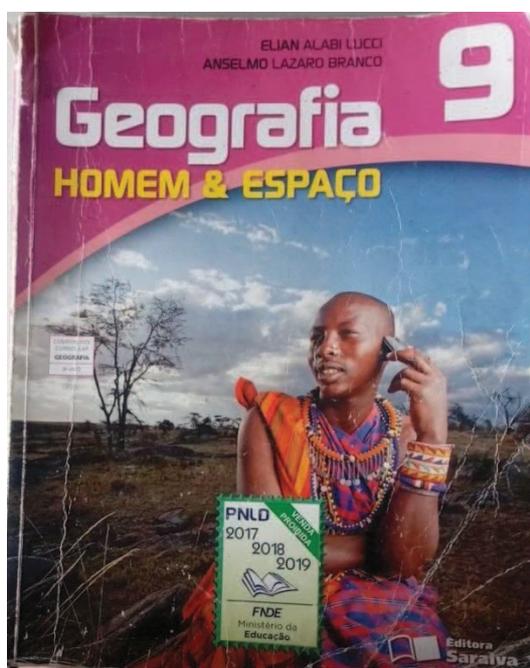


Figura 06: Capa do livro Geografia: homem & espaço.

Fonte: Arquivo pessoal de estágio, 2018.

Todas as características acima mencionadas são mecanismos que provocam o discente a abrir e continuar examinado o material didático, mostrando-se assim adequado a faixa etária do público alvo, principalmente por trazer uma imagem (paisagem e pessoa) de uma cultura diferente, o que provoca curiosidade.

É possível perceber claramente que a capa do livro busca fazer com que o aluno reflita sobre a relação sociedade/natureza a nível mundial, frente ao atual estágio do processo de

³ LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lázaro. **Geografia: homem & espaço: 9º ano.** 27 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

globalização (conteúdo teórico), demonstrando que título e imagem encontram-se articulados no tocante à mensagem geográfica proposta.

O referido material e de autoria de Elian Alabi Lucci, professor da rede particular de ensino do estado de São Paulo, licenciado e bacharel em Geografia e História pela PUC-SP e especialista em Geografia, História e turismo pela Faculdade Dom Bosco-SP e Anselmo Lazaro Branco, licenciado em Geografia e História pelas Faculdades Associadas do Ipiranga, atualmente Branco atua como professor na rede particular do estado de São Paulo. Não havendo nenhum registro de suas respectivas biografias em nenhuma parte do livro analisado.

O supracitado material didático destinado aos alunos do nono ano do ensino fundamental regular é um livro da Editora Saraiva, fornecido pelo Governo Federal (PNLD), já que se trata do ensino público.

Na apresentação os autores expõem o livro ao aluno como uma ferramenta, que associada ao trabalho conjunto entre professor e colegas pode ampliar a capacidade do mesmo em desenvolver várias noções e responder diversas indagações sobre as várias paisagens, tanto às do lugar de vivência do discente quanto aquelas conhecidas através dos meios de comunicação. Salientando que tais questionamentos são o ponto de partida para as discursões proposta pelo referido material didático.

Ressalta também a importância do conhecimento para os avanços sociais, tecnológicos e para a transformação da natureza. Considerando a rapidez em que as transformações socioeconômicas e paisagísticas se dão na contemporaneidade, além de expor a Geografia como uma ciência capaz de contribuir para que o aluno compreenda e também se torne consciente do seu papel frente a esse processo. Tudo isto por meio de uma linguagem adequada e compreensível a faixa etária do público ao qual é dedicado.

Através do índice é possível identificar a estrutura do livro e como os conteúdos estão organizados. Notamos que os temas priorizados são o processo de globalização, os continentes e as transformações espaciais que se configuram nestes espaços, estando assim, em perfeita consonância com o que estabelece os parâmetros curriculares nacionais. Percebemos também que os conceitos geográficos priorizados são espaço, território, paisagem, sociedade e natureza.

O material apresenta uma didática de fácil entendimento para a série a qual é destinado, com textos não muito densos, mapas e imagens que interagem com o que está escrito, dessa forma facilitando a compreensão dos alunos em relação ao conteúdo. Além dos mapas e imagens, o livro conta também com gravuras, cartuns e charges que contribuem para

o entendimento das temáticas e demonstram-se de grande importância para a resolução das atividades solicitadas pelos autores.

Por meio dos textos e das atividades propostas, o livro demonstra estar alinhado ao materialismo histórico dialético e a abordagem construtivista da educação, já que ressalta a relação sociedade/natureza e as transformações que se deram historicamente nos espaços abordados, como também, as dicotomias socioeconômicas presentes em tais localidades, estimulando a crítica ao capitalismo e suas intervenções nas relações sociais e na relação da sociedade com a natureza na atualidade.

A abordagem construtivista é perceptível pelas indagações que os autores fazem aos alunos nas seções para contextualizar, buscando saber o conhecimento prévio do discente como também contextualizando com o espaço de vivência do mesmo, além de buscar saber a opinião do aluno e seu papel frente a este espaço. Vale ressaltar que embora os textos, em sua maioria, tratem de outros países e continentes percebemos que sempre há comparações e aproximações com o Brasil, ou seja, tenta-se considerar a realidade do aluno. Tais aproximações, assim como a linguagem que é de fácil compreensão à faixa etária dos discentes, fazem com que o aluno reflita não só as dinâmicas internacionais, mas também compreenda sua própria realidade. Para isso, os autores utilizam-se, principalmente, de textos de jornais e revistas para a reflexão da temática e realizar essas aproximações com a realidade brasileira.

No tocante as atividades, estas são sempre discursivas, em que o aluno é convidado a explicar e contextualizar as indagações, havendo sempre questões de reflexão e correlação entre a temática trabalhada, o espaço brasileiro e o cotidiano do aluno. Para tanto, as atividades contam com textos de jornais e revistas, cartuns, mapas, gráficos, imagens de satélite e fotografias, recursos que auxiliam na resolução de tais exercícios.

No corpo do texto os autores também citam algumas bibliografias como Milton Santos, com breve apresentação. Além de indicações e comentários (localizados na borda do supracitado material didático) de filmes, livros e sites correlacionados com os conteúdos trabalhados.

Diante do exposto, consideramos o livro didático analisado uma obra relevante para o ensino de Geografia do ponto de vista didático e do conteúdo geográfico, sendo a análise do material de fundamental importância para o andamento do estágio, pois nos permitiu associar melhor o material dos alunos (livro didático) com os outros recursos pedagógicos propostos, as linguagens, deixando as aulas mais dinâmicas e mais interessantes para o alunado, já que os mesmos, nem sempre, têm a percepção aqui exposta.

Importante também por proporcionar a reflexão em torno da relevância dos materiais didáticos, disponibilizados pela escola, no que tange o ensino-aprendizagem do aluno, já que, em muitos casos, é a única fonte de pesquisa dos discentes. E ainda, para que pudéssemos, a partir de outros recursos, explorar pontos mais próximos da realidade do discente em plena consonância com o referido material, levando em conta também dificuldades específicas da turma.

No que se refere ao regimento interno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Damião Zelo de Gouveia, é um documento bem recente, datado de 2017 e segundo informações dos funcionários, ainda não foi devidamente oficializado, deixando a dúvida se o mesmo tem alguma eficácia em relação às normas que regem a instituição.

Esse documento dispõe de como é organizada a escola administrativa e pedagogicamente, determinado os direitos e deveres de cada equipe de funcionários da instituição, assim como os direitos e deveres de seus alunos, dos pais e responsáveis, bem como, as penalidades aplicadas a professores e discentes em caso de infração.

Dispõe também das normas de composição e funcionamento do Conselho da Escola, do Conselho de Classe e as que regem as modalidades de ensino que a escola contempla, além dos tempos escolares e as normas para criação de projetos e ingresso, classificação, matrícula, transferência, frequência e dispensa de alunos.

Consta no regimento que um dos objetivos educacionais é favorecer o desenvolvimento integral e harmônico da personalidade de modo gradual e progressivo respeitando a individualidade dos educandos, desta forma abre espaço para o desenvolvimento de atividades e projetos que contemplem o trabalho coletivo, o respeito à diversidade de ideias e a formação de uma comunidade crítica e participativa.

O documento garante a gestão democrática por meio do conselho da escola, do conselho de classe, e da Associação de pais e mestres, garantindo aos professores e alunos o direito de fazerem sugestões à direção. Expondo que a instituição está amplamente aberta à fiscalização financeira por meio de órgãos superiores e colegiados. Porém, foi observado que não há no referido documento nenhum artigo, capítulo ou seção que trate da participação dos demais funcionários e da comunidade externa na gestão escolar, exceto a participação dos pais e responsáveis dos alunos que de forma direta ou indireta têm vínculos com a escola.

Essa gestão democrática permitindo à participação dos alunos e professores no tocante a capacidade da instituição, coletivamente, se organizar e se planejar pedagógica e financeiramente garante uma maior autonomia a unidade escolar. Sendo necessária que a

participação dos demais funcionários e da comunidade civil seja ampliada a fim de fortalecer a democracia e a autonomia da instituição.

Embora o respeito à individualidade do aluno seja assegurado pelo documento, não é visível em nenhum momento que o mesmo tenha tratado de forma específica da diversidade cultural e ideológica da comunidade escolar como um todo, embora deixe transparecer que possui uma filosofia fundamentada na transparência, no diálogo e no respeito a tais aspectos.

O supracitado regimento ressalta que está fundamentado nas leis e normas que regem o sistema educacional brasileiro e a pátria. Neste contexto, o documento segue o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA ao garantir, dentro de suas atribuições, os direitos das crianças e adolescentes que usufruem dos serviços da escola, como também encarrega a unidade escolar de comunicar aos órgãos responsáveis situações que fujam de suas atribuições legais, como casos de ameaça a integridade física e psicológica dos discentes, isto se a instituição tiver conhecimento de tais fatos, mesmo que fora do espaço escolar. Porém, o documento não inclui nenhuma lei sobre *bullying* e racismo, embora pregue a boa convivência entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Atendendo as demandas socioeconômicas da comunidade na qual a instituição está inserida, o documento determina que um dos objetivos da escola deve ser estimular o desenvolvimento do educando através de atividades que forneçam experiências educacionais adequadas à situação socioeconômica e cultural em que se encontra. De forma a considerar a realidade dos alunos, utilizando essa estratégia para tentar driblar as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pelos discentes através da educação.

Embora o regimento deixe claro que dentre os objetivos da escola estão: proporcionar a formação necessária ao desenvolvimento das potencialidades do aluno como elemento de autorrealização, exercício da cidadania e continuidade nos estudos, bem como, prover o bem estar físico psicológico e emocional dos discentes por meio de um ambiente harmônico para o bom desenvolvimento das práticas educativas, além de promover o desenvolvimento da sociabilidade dos educandos nos mais diferentes grupos sociais, os quais estão inseridos, o documento não deixa claro sua concepção de educação escolar, conhecimento, aluno e professor, limitando-se apenas aos direitos, deveres e restrições relacionados à discente e funcionários.

O supracitado regimento deixa claro sua concepção de avaliação do rendimento escolar ao determinar que o aproveitamento de todos os componentes curriculares deve incidir sobre o desempenho do aluno nas diferentes situações de aprendizagem, considerados os objetivos propostos para cada uma delas. Assim, a avaliação do aproveitamento deve ser

contínua, cumulativa e somativa no decorrer do ano letivo, onde os alunos serão avaliados nas áreas cognitiva, afetiva, social e psicomotora.

Embora o tempo de convivência com a unidade escolar tenha sido relativamente curto, referente à regência de estágio, para observar o cumprimento de todas as normas e aspectos educacionais presentes no regimento, observamos que o referido documento é cumprido, não à risca, como deveria ser, principalmente por questões de recursos financeiros e a realidade socioeconômica em que estão imersas a instituição e toda comunidade escolar, mas é cumprido dentro do possível.

Dessa forma, a análise do regimento interno, foi importante para identificarmos as normas da escola, as atribuições dos seus funcionários e a conduta ética que estes devem seguir, dentre outras questões. Ambas as análises foram relevantes para nossa regência de estágio e execução da proposta de intervenção, no tocante as estratégias didáticas, as normas, e as posturas éticas e morais da instituição, haja vistas a inexperiência docente.

3.3 O USO DE LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Considerando as linguagens como recurso didático que expressa a realidade, carregadas de críticas a esta, como também, em busca de superar as dificuldades dos alunos da referida turma no tocante a interpretação de textos, situações diversas e o próprio espaço geográfico, levando em consideração durante a regência de estágio a proposta construtivista e o conhecimento prévio dos alunos, buscamos, no decorrer da regência de estágio trabalhar, em consonância com o livro didático, o conteúdo globalização, utilizando música, charges e reportagens audiovisuais.

A fim de saber que conhecimento os alunos já portavam sobre o assunto, antes deste ser abordado em sala, aproveitamos o primeiro momento para organizar os alunos em arco e executar a música Disneylândia dos Titãs, cuja letra pode ser visualizada a seguir:

Disneylândia
Titãs

Filho de imigrantes russos casado na Argentina
Com uma pintora judia,
Casou-se pela segunda vez
Com uma princesa africana no México
Música hindú contrabandiada por ciganos poloneses faz sucesso
No interior da Bolívia zebras africanas

E cangurus australianos no zoológico de Londres.
 Múmias egípcias e artefatos incas no museu de Nova York
 Lanternas japonesas e chicletes americanos
 Nos bazares coreanos de São Paulo.
 Imagens de um vulcão nas Filipinas
 Passam na rede de televisão em Moçambique
 Armênios naturalizados no Chile
 Procuram familiares na Etiópia,
 Casas pré-fabricadas canadenses
 Feitas com madeira colombiana
 Multinacionais japonesas
 Instalam empresas em Hong-Kong
 E produzem com matéria prima brasileira
 Para competir no mercado americano
 Literatura grega adaptada
 Para crianças chinesas da comunidade europeia.
 Relógios suíços falsificados no Paraguai
 Vendidos por camelôs no bairro mexicano de Los Angeles.
 Turista francesa fotografada semi-nua com o namorado árabe
 Na baixada fluminense
 Filmes italianos dublados em inglês
 Com legendas em espanhol nos cinemas da Turquia
 Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos ingleses na Nova Guiné
 Gasolina árabe alimenta automóveis americanos na África do Sul.
 Pizza italiana alimenta italianos na Itália
 Crianças iraquianas fugidas da guerra
 Não obtém visto no consulado americano do Egito
 Para entrarem na Disneylândia.

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/titas/86548/>
 Acesso em: 10/04/2018

No estilo roda de conversa, utilizamos a referida música e sua letra impressa para, junto aos alunos, refletirmos sobre algumas características do processo de globalização. Com o propósito de discutir o conhecimento prévio dos discentes através de pequenos questionamentos respondidos em sala de forma escrita e em seguida oralmente por meio de leitura compartilhada, analisando cada estrofe.

Essas questões possibilitaram que a turma identificasse, ainda que de forma singela, o que é o processo de globalização e os principais aspectos ligados a este processo que se fazem presentes na música. Ao mesmo tempo em que os próprios alunos forneceram elementos que dinamizaram a aula e a tornaram mais interativa.

Em termos de conteúdos geográficos a referida música é muito rica, assim ela subsidiou a introdução do conteúdo, suscitando discussões sobre a importância das redes no processo de globalização, a integração cultural (aculturação), a integração econômica, as transnacionais, a DIT, as inovações tecnológicas e a instantaneidade da informação etc.,

apresentando uma abordagem tão vasta frente aos conteúdos geográficos que uma análise profunda da sua letra poderia consumir várias aulas.

Enquanto professor/estagiário, esse momento serviu como uma espécie de “avaliação” do conhecimento trazido pelos alunos em relação à temática, apontando a forma como o conteúdo deveria ser conduzido e quais pontos deveriam ser explorados como mais veemência.

Quanto às charges, selecionamos as que melhor se adequaram a realidade da turma, considerando suas experiências cotidianas no tocante a capacidade do aluno compreender o humor e a ironia (crítica social) que esse gênero oferta. Garantindo a interação e o debate de forma mais leve e prazerosa. Nesse intuito, selecionamos as charges Era da Informação (figura 07), Rede Social (figura 08), Brasil - um país de contrastes (figura 09), e Rede Sociais e Relações humanas (figura 10).



Figura 07: Charge Era da Informação.
Disponível em:
<http://www.muitohumor.com.br/humor/corre/>
Acesso em: 13/04/2018.



Figura 08: Charge Rede Social.
Disponível em: <http://www.ivancabral.com>
Acesso em: 13/04/2018.



Figura 09: Charge Brasil – um país de contrastes.
Disponível em:
<https://www.humorpolitico.com.br>
Acesso em: 14/04/2018.



Figura 10: Charge Redes Sociais e Relações Humanas.
Disponível em:
<https://www.humorpolitico.com.br>
Acesso em: 14/04/2018.

As charges foram utilizadas para subsidiar a discussão em torno da tecnologia, da instantaneidade da informação no meio técnico-científico-informacional, as desigualdades tecnológicas e sociais, além das novas identidades e relações humanas que se configuram no mundo globalizado, oportunizando a análise destes aspectos em escala local, regional e mundial. Além disso, observamos, de forma mais leve, a violência na escola, uma questão bem presente na realidade dos alunos.

Para refletir sobre a relação do capitalismo com a globalização foi utilizado o poema “Eu etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade. Solicitamos aos alunos que realizassem uma interpretação textual em casa, dissertando sobre questões como: a opinião do autor sobre a sociedade contemporânea frente ao consumismo, à mídia e a moda, como também, a relação entre o processo de globalização, consumo e meio-ambiente. A letra do referido poema pode ser visualizada a baixo:

Eu, etiqueta
Carlos Drummond de Andrade

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando

todas as marcas registradas,
 todos os logotipos do mercado.
 Com que inocência demito-me de ser
 eu que antes era e me sabia
 tão diverso de outros, tão mim mesmo,
 ser pensante, sentinte e solidário
 com outros seres diversos e conscientes
 de sua humana, invencível condição.
 Agora sou anúncio,
 ora vulgar ora bizarro,
 em língua nacional ou em qualquer língua
 (qualquer, principalmente).
 E nisto me comparo, tiro glória
 de minha anulação.
 Não sou - vê lá - anúncio contratado.
 Eu é que mimosamente pago
 para anunciar, para vender
 em bares festas praias pérgulas piscinas,
 e bem à vista exibo esta etiqueta
 global no corpo que desiste
 de ser veste e sandália de uma essência
 tão viva, independente,
 que moda ou suborno algum a compromete.
 Onde terei jogado fora
 meu gosto e capacidade de escolher,
 minhas idiossincrasias tão pessoais,
 tão minhas que no rosto se espelhavam
 e cada gesto, cada olhar
 cada vinco da roupa
 sou gravado de forma universal,
 saio da estamperia, não de casa,
 da vitrine me tiram, recolocam,
 objeto pulsante mas objeto
 que se oferece como signo de outros
 objetos estáticos, tarifados.
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso
 de ser não eu, mas artigo industrial,
 peço que meu nome retifiquem.
 Já não me convém o título de homem.
 Meu nome novo é coisa.
 Eu sou a coisa, coisamente.

Fonte: https://www.pensador.com/eu_etiqueta_-_carlos_drumond_de_andrade/
 Acesso em: 18/04/2018

A fim de trazer um exemplo impactante sobre o atual estágio tecnológico e sua relação com o espaço, selecionamos a reportagem do Jornal da Record – “Tecnologia ajuda Holanda a driblar o avanço das águas”, por meio da qual foi possível discutirmos a aliança capital/técnica para a transformação espacial e o desenvolvimento socioeconômico de um país, fazendo um paralelo com o conteúdo que a seria discutido posteriormente, Europa.

Assim, através dos recursos supracitados e do livro didático, com seus textos motivadores e alguns fragmentos, discutimos o conceito de globalização e seus principais marcos históricos, a importância das redes geográficas nesse processo, as novas tecnologias (o mundo técnico–científico–informacional), as alterações no modo de produção, os grandes parques tecnológicos, os investimentos e dependência tecnológica, consumo e meio ambiente no mundo globalizado, capitalismo: globalização e integração econômica, a integração econômica e financeira frente ao mundo desigual, as multinacionais ou transnacionais e a drenagem do capital, os grandes agentes do processo de globalização, o mercado e a criação dos blocos econômicos.

No tocante as atividades relacionadas a esse tema, realizamos diversos questionamentos em sala, através dos recursos didáticos citados, respondidos de forma oral, dinamizando a aula, além de questões de caráter interpretativo e dissertativo, contando com produções textuais para serem respondidas em casa. Todas foram corrigidas, em sala de forma dialogada.

Mesmo com as indagações, em muitos momentos não foi possível identificar se os alunos, realmente, estavam compreendendo o assunto, haja vistas a baixa participação dos discentes em relação às aulas expositivas-dialogadas como também a falta de compromisso por parte deles no tocante os exercícios a serem realizados em casa, sobretudo nas primeiras aulas, onde poucos realizavam as atividades solicitadas. Essa última situação revela, como aponta Kimura (2010) sobre a teia de relações que tece a escola e o processo de ensino-aprendizagem, a importância da família ou responsáveis na aprendizagem dos alunos, fiscalizando ou cobrando a realização destas atividades em casa e a influência da cultura do “não estudar” na educação dos discentes.

A questão comportamental (conversas paralelas e xingamentos entre a turma), também dificultou o surgimento de discussões mais profundas sobre a temática em pauta. Sendo necessário questioná-los se de fato estavam entendendo ao realizarmos perguntas relacionadas ao conteúdo.

Foi perceptível também que os alunos não têm a prática de redigir textos e responder questões que necessitam de análise, limitando-se a transcrição de partes do texto. Sendo que em alguns momentos aparentaram desanimados quanto às propostas de atividade, achando-as chatas. Contudo, percebemos que em vários momentos os recursos utilizados tornaram as aulas mais agradáveis, já que houve um dia em que uma aluna lamentou o término da aula ressaltando o clima de interação oportunizado por aquela ocasião e em outros momentos foram notados alguns risos devido o humor contido nas charges.

O fato dos alunos não terem o costume de se esforçarem nos estudos foi comprovado quando alguns que nunca participavam, após vários convites, se ofereceram para ler ou responderam algum questionamento coerentemente e foram chamados de *nerds* pelos colegas, não como um elogio, mas sim como uma forma de chacota, sendo necessária nossa intervenção a fim de manter a participação dos alunos. Assim, as principais dificuldades encontradas foram deter a atenção da turma e controlar as conversas paralelas.

Contudo, nas últimas intervenções, depois de muita insistência, várias tentativas de deter a atenção e lembrar repedidas vezes que a realização das atividades e o comportamento faziam parte da avaliação contínua da escola, percebemos um maior empenho por parte dos discentes. Prova disso, é que em uma das últimas intervenções solicitamos a realização de uma atividade em sala, já que maioria deles não a realizou em casa. Os alunos foram rápidos, discutiram algumas questões entre si e esclareceram dúvidas, demonstrando forte capacidade cognitiva e entendimento do assunto. Na ocasião, muitos trouxeram atividades em atraso e cobraram correção. Cabe ressaltar que houve boas produções textuais o que revela que os nossos objetivos foram alcançados, ainda que timidamente.

4. CONCLUSÃO

Concluimos que a regência é o ponto chave do Estágio Supervisionado em Geografia II, tornando-se ainda mais importante para aqueles que nunca lecionaram, pois faz com que o graduando exerça, praticamente, todas as funções do professor titular. Vivenciando todos os prazeres e dissabores que permeiam o exercício professoral.

Assim, o referido componente curricular colaborou para o nosso crescimento em termos didáticos e também conceituais, já que além de contribuir para o conhecimento pedagógico, através da inserção e adaptações dos materiais didáticos e aperfeiçoamento do ponto de vista do planejamento, também contribuiu para a consolidação do nosso próprio aprendizado, no tocante o conhecimento geográfico, haja vistas o estudo para lecionar durante a regência de estágio.

Cabe ressaltar também a importância da proposta de análise do PPP, que no nosso caso foi substituída pela análise do regimento da escola, permitindo que tivéssemos conhecimento sobre a organização, formação, leis, normas e a visão de ensino, escola, professor, avaliação etc., que boa parte das instituições escolares têm, bem como, os documentos que as regem.

Quanto o material didático utilizado, as linguagens, mostra-se como um recurso pedagógico relevante para o ensino-aprendizagem, por estabelecer com os alunos uma comunicação relativamente compreensível e descontraída. Ao mesmo tempo em que portam, por meio de seus textos e imagens, críticas e reflexões sobre temas de cunho geográfico e social, mobilizando diferentes sentidos em torno da tarefa de aprender. Dessa forma, tornam-se ferramentas importantíssimas no fortalecimento da capacidade de compreender textos e interpretar o espaço geográfico e, por conseguinte, para a formação de cidadãos críticos.

O uso dessas ferramentas pedagógicas considerando o cotidiano do aluno e adequadas às suas capacidades cognitivas contribuem para que os discentes percebam a utilidade prática do conhecimento escolar. Tornando o processo de ensino-aprendizagem mais “próximo” do aluno ao estabelecer uma relação direta com a realidade vivida. Só pudemos chegar a essas conclusões a partir da nossa experiência de Estágio Supervisionado em Geografia II, que foi fundamental para a comprovação dessas, antes, hipóteses.

Quanto aos resultados obtidos, concluimos que foram alcançados, porém de forma muito tímida, haja vistas que realizamos poucas intervenções. Contudo, algumas produções textuais realizadas pela turma foram muito boas, sendo necessário que os professores e

demais profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem continuem trabalhando interpretação com eles, traçando propostas para juntos driblarem tais dificuldades.

Além do pouco tempo de regência que tivemos, considerando o desafio que nos propomos o que também pode ter dificultado resultados mais vantajosos foi o fato dos alunos não gostarem de ler e escrever, limitando-se a transcrições para responder as atividades. Outra questão que também deve ser considerada é a falta de uma relação mais sólida no tocante a relação família/escola haja vistas que maioria dos alunos não realizavam as atividades a serem solucionadas em casa, revelando certo descompromisso dos pais no que concerne a educação dos filhos. Além do comportamento dos discentes que prejudicou o andamento das aulas, sendo gasto muito tempo para contê-los. Essas foram as principais dificuldades que encontramos na realização dessa experiência.

Como exposto acima, o Estágio Supervisionado em Geografia II foi uma oportunidade de refletirmos, através da prática e das leituras discutidas na graduação, sobre a formação docente e sobre a importância do estágio na formação do professor frente às dificuldades estruturais e conjunturais que a escola enfrenta na atualidade. Sendo essas reflexões e a proposta de intervenção oportunidades de contribuirmos para a resolução de problemas relacionados ao sistema educacional.

Assim, o estágio supervisionado é um momento de reflexão, por meio da articulação entre teoria e prática, em que o graduando, muitas vezes, conclui o quanto o conhecimento propagado pela universidade está distante da realidade da escola básica. Cabe ressaltar também que o estagiário, na tentativa de driblar as dificuldades dos alunos, se comporta como pesquisador ao procurar desenvolver melhores formas de ensinar e aprender. O que evidencia ainda mais a importância desse componente curricular para formação docente.

Em síntese, constatamos que mesmo com todas as críticas que o estágio recebe, no tocante a sua contribuição para a formação de professores, esse ainda é o componente curricular que melhor aproxima o graduando da sua área de atuação. Sendo fundamental para que o licenciando desenvolva, além do seu conhecimento pedagógico, sua capacidade de pesquisar e de criar novas formas de pensar o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Raimundo Lenilde de; RIBEIRO, Luís Tavora Furtado. Matriz construtivista e ensino de geografia na escola. **Anais do 12º Encontro de Geógrafos da América Latina**. Montevideo: EGAL, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Ensenanzadelageografia/Metodologiaparalaensenanza/06.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

BAHIA, Norinês Panicacci. Metaforizando as narrativas de si: uma arte em prosa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 04, p. 177-191, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3611>. Acesso em: 27 out. 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A Globalização: suas interpretações no ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). **Temas da geografia na escola básica**. 1ª ed. Campinas: Papirus, 2013. p. 179-198.

FERREIRA, Kalina Fernanda Cavalcanti. O uso de diferentes linguagens no ensino de geografia para estudo e compreensão do espaço geográfico e da Globalização. **Anais Eletrônicos do V Colóquio Brasileiro Educação na Sociedade Contemporânea**. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG: Campina Grande, 2016. Disponível em: <http://2016.cobesc.com.br/anais-eletronicos-do-evento/>. Acesso em: 12 set. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KIMURA, Shoko. Escola e ensino de Geografia. In: KIMURA, Shoko. **A Geografia no Ensino Básico: Questões e Propostas**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2010. p. 14-43.

MAURI, Teresa. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares?. In: COLL, César. et al. **O construtivismo em sala de aula**. 6ª ed. São Paulo: Ártica, 2003. p.79-122.

MELO, Vanusa Maria de Lima Silva. **A Geografia no 6º ano do ensino fundamental: escrita de si em uma narrativa docente**. 2017. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campina Grande, 2017.

OLIVEIRA, Rosângela M. Galvão; et al. Atividades de intervenção com o uso do gênero charge para o ensino de geografia na educação básica. **Anais Eletrônicos da Semana da**

Educação. Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/>. Acesso em: 31 mar. 2018. p.176-194.

OSTROVSKI, Dalésio; OSTROVSKI, Crizieli Silveira. O jornal como recurso pedagógico no ensino da Geografia. **Anais eletrônicos do XII Congresso de Educação.** PUCPR: Paraná, 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16078_7255.pdf. Acesso em: 01 abr. 2018. p. 33024-33033.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tamoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. O livro didático de Geografia. *In:* _____. **Para ensinar e aprender Geografia.** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 339-348.

PORTUGAL, Jussara Fraga. Memórias, diários e portfólios: narrativas autobiográficas e formação docente. *In:* PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Org). **Educação Geográfica: memórias, história de vida e narrativas docentes.** Salvador: EDUFBA, 2015. p. 43-72.

RICHTER, Denis. Os desafios da formação do professor de Geografia: o estágio supervisionado e sua articulação com a escola. *In:* SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **Desafios da didática de geografia.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013. p. 107-124.

SANTOS, Milton. Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional. *In:* _____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. p. 190-195. Disponível em: http://files.leadtufal.webnode.com.br/200000026-4d5134e4ca/Milton_Santos_A_Natureza_do_Espaco.pdf. Acesso em: 11 set. 2018.

SANTOS, Rosselvelt José; COSTA Cláudia Lúcia da Costa; KINN, Marli Graniel. Ensino de Geografia e novas linguagens. *In:* BUITONI, Marisia M. S. (coord.) **Coleção Explorando o Ensino: Geografia.** v. 22. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 43-58. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7838-2011-geografia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 mar. 2018.

SILVA, Francisco das Chagas Rodrigues; MENDES, Bárbara Maria Macedo. Narrativas de professores de Geografia: a escrita de si como projeto de conhecimento e formação. *In:* PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Org). **Educação Geográfica: memórias, história de vida e narrativas docentes.** Salvador: EDUFBA, 2015. p. 155-176.

SILVA, Gessione Morais da; et al. O método biográfico e a formação docente: algumas

contribuições. **Anais Eletrônicos do III Congresso Nacional de Educação**. Natal, 2016.

Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA13_ID3417_09082016101136.pdf. Acesso em: 09 dez. 2018. p.s/p.

SILVA, Renágila Soares da. **A importância da música nas aulas de geografia: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia**.

2015. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Cajazeiras, 2015. Disponível em:

<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/RENAGILA%20SOARES%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2018.

SOUSA, Enilson Silva; et al. A música e a poesia na geografia escolar. **Anais Eletrônicos do XVII Encontro Nacional de Geógrafos**. UFMA: São Luís, 2016. Disponível em:

http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467674144_ARQUIVO_AMUSICAEAP OESIANAGEOGRAFIAESCOLAR.pdf. Acesso em: 30 mar. 2018. p.s/p.

SOUZA, Vanilton Camilo de. Desafios do estágio supervisionado na formação do professor de Geografia. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de (org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 105-130.

Tecnologia ajuda Holanda a driblar o avanço das águas. [S. l.: S. n], 2010. Vídeo (7:34 min). Publicado pelo canal Monalisaapereira. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=nWatYQp8VvI&t=1s>. Acesso em: 02 maio 2018. (Todos os direitos reservados a Rede Record).

VIEIRA, Alexandre Bergamin; ARAÚJO, Odolina L. Fortaleza; BARBOSA; Luana. M.G.

Desenhos da Globalização: ensino de Geografia e a vivência do aluno. In: PORTUGAL,

Jussara Fraga et al (org.). **Geografia na sala de aula: linguagens, conceitos e temas**. Curitiba: CRV, 2016. p. 19-34.